

CONTRIBUIÇÃO
PARA A GUERRA
EM CURSO

TIQQUN

Contribuição para a guerra em curso

[cc] n-1 edições, 2019

ISBN 978-85-66943-76-4

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart e

Ricardo Muniz Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

TRADUÇÃO Vinícius Nicastro Honesko

REVISÃO Diogo Henriques

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

n-1 edições

1ª edição | São Paulo | março de 2019

n-1edicoes.org

TIQQUN

CONTRIBUIÇÃO PARA A GUERRA EM CURSO

TRADUÇÃO Vinícius Nicastro Honesko

POSFÁCIO Giorgio Agamben

M-1
edições



- 7 Introdução à guerra civil
- 175 Uma metafísica crítica
poderia nascer como
ciência dos dispositivos
- 257 A propósito de Tikkun
Giorgio Agamben



Introdução à guerra civil

Nós, decadentes, temos nervos frágeis. Tudo, ou quase tudo, nos fere, e o resto é apenas uma provável causa de irritação, por meio da qual avisamos que não queremos ser tocados. Suportamos doses de verdade cada vez mais reduzidas, já quase nanométricas, e contra elas preferimos grandes goladas de antídoto. Imagens de alegria, sensações plenas e muito conhecidas, palavras doces, superfícies suaves, sentimentos familiares e interiores, em suma, a narcose a quilo, mas, sobretudo: nada de guerra, sobretudo, nada de guerra. Diante de tudo isso que pode ser expresso, todo este contexto amniótico-securitário se reduz ao desejo de uma *antropologia positiva*. Temos necessidade de que nos seja dito o que é “um homem”, o que “nós” somos, o que nos é permitido querer e ser. Por fim, esta é uma época fanática por diversas razões e, particularmente, nesse assunto sobre o homem, no qual se sublima a evidência do Bloom.¹

1. A noção de *Bloom* é desenvolvida a partir da personagem Leopold Bloom, de James Joyce, e pelo Tiquun no artigo “Teoria do Bloom”, publicado em 1999 como parte do número 1 da revista Tiquun. Em 2000, o texto foi republicado pela editora La Fabrique. Neste volume, a noção de Bloom será explanada no início da segunda parte, *Uma metafísica crítica poderia nascer como ciência dos dispositivos*. [N.T.]

A antropologia positiva, em seu modo dominante, não é tal apenas em virtude de uma concepção pacífica, um pouco tola e amavelmente católica, da natureza humana; ela é positiva por emprestar positivamente ao “Homem” qualidades, atributos determinados, predicados substanciais. É por isso que também a antropologia pessimista dos anglo-saxões, com sua hipóstase dos interesses, das necessidades, do *struggle for life*, entra no projeto para nos tranquilizar, pois ela ainda fornece algumas convicções praticáveis sobre a essência do homem.

Nós que, todavia, não queremos nos acomodar em nenhum tipo de conforto, nós que, é certo, temos nervos frágeis, mas também o projeto de torná-los cada vez mais resistentes e inalteráveis, temos em conta que é preciso algo totalmente diferente. Precisamos de uma antropologia *radicalmente negativa*, de algumas abstrações suficientemente vazias e transparentes para nos proibir de prejudicar o que quer que seja, uma *física* que reserve a cada ser e a cada situação sua disposição ao milagre. Conceitos que quebrem o gelo para ter acesso, *dar lugar*, à experiência. Para fazer para si os receptáculos.

Sobre os homens, isto é, sobre sua coexistência, não podemos dizer nada que não nos sirva ostensivamente

como tranquilizante. A impossibilidade de esperar o que quer que seja dessa implacável liberdade nos leva a designá-la com um termo não definido, uma palavra cega, com a qual se tem o costume de nomear aquilo sobre o que nada se compreende, pois não se *quer* compreender, compreender *que o mundo nos reivindica*. Essa expressão é *guerra civil*. A opção é tática; trata-se de reapropriar-se preventivamente desse termo por meio do qual nossas operações estarão *necessariamente recobertas*.

A GUERRA CIVIL, AS FORMAS-DE-VIDA

“Aquele que, na guerra civil,
não tomar partido será
marcado de infâmia
e perderá todo direito político.”

SÓLON,
Constituição de Atenas

01

A unidade humana elementar não é o *corpo* – o indivíduo –, mas a forma-de-vida.

02

A forma-de-vida não está *além* da vida nua; ela é muito mais sua polarização íntima.

03

Cada corpo é afetado por sua forma-de-vida como por um clinâmen, uma inclinação, uma atração, um *gosto*. Aquilo em direção ao qual se inclina um corpo inclina-se também, por sua vez, em direção a ele. Isso vale em toda situação. Todas as inclinações são recíprocas.

GLOSA: Em um primeiro e superficial olhar, pode parecer que o Bloom daria a prova contrária, o exemplo de um corpo privado de atração, de inclinação, hirto a toda atração. De fato, é possível perceber que o Bloom não recobre tanto uma ausência de gosto quanto um singular *gosto pela ausência*. Apenas esse gosto pode dar conta dos esforços que o Bloom direciona positivamente para *se manter* no Bloom, para manter distante aquilo que se inclina em direção a ele e declinar toda experiência. Parecido nisso ao religioso que, à falta da possibilidade de opor a “este mundo” *outra mundanidade*, devolve sua ausência ao mundo como crítica da mundanidade, o Bloom procura na fuga para fora do mundo a questão de um mundo sem fora. Em toda situação, ele responderá com o mesmo desprendimento, com a mesma fuga para fora da situação. O Bloom é assim o corpo distintamente afetado *por uma queda em direção ao nada*.

04

Esse gosto, esse clinâmen, pode ser conjurado ou assumido. A assunção de uma forma-de-vida não é apenas o saber sobre essa inclinação, mas o *pensamento* desta. Chamamos *pensamento* o que converte a forma-de-vida em *força*, em efetividade sensível.

Em cada situação se apresenta uma linha distinta de todas as outras, uma linha *de crescimento de potência*. O pensamento é a aptidão para distinguir e seguir essa linha. O fato de que uma forma-de-vida só pode ser assumida seguindo essa linha de crescimento de potência carrega esta consequência: *todo pensamento é estratégico*.

GLOSA: Aos nossos olhos tardios, a conjuração de toda forma-de-vida mostra-se como o destino próprio do Ocidente. A maneira dominante dessa conjuração, em uma civilização que não podemos mais dizer nossa sem consentir em nossa própria liquidação, será paradoxalmente manifestada como *desejo de forma*, como procura por uma semelhança arquetípica, por uma Ideia de si colocada antes e diante de si. Por certo, onde quer que se tenha exprimido com alguma amplitude, esse *voluntarismo da identidade* mal pôde mascarar o frio niilismo, a aspiração ao nada que forma seu eixo.

Mas a conjuração das formas-de-vida também tem seu modo menor, mais dissimulado, que se denomina *consciência* e, em seu ponto alto, *lucidez*; todas “virtudes” que SE² apreciam ainda mais por acompanharem a impotência dos corpos. A partir de agora, A GENTE chama de “lucidez” o saber dessa impotência que não contém nenhum poder de dela escapar.

Desse modo, assumir uma forma-de-vida é o oposto de uma tensão da consciência ou da vontade, de um efeito de uma ou de outra.

Assumir é muito mais o abandono, isto é, ao mesmo tempo uma queda e uma elevação, um movimento e um repousar-em-si.

2. Ao longo dos textos que compõem este livro (e também nos demais publicados por Tiqqun), o pronome *on* aparece, em diversos momentos, em caixa alta. Como em francês seu uso é múltiplo (de sujeito indeterminado a um conjunto de pessoas, de valor geral de verdade a equivalente da primeira pessoal do plural), não temos um correspondente específico em português. Assim, a tradução se deu de acordo com o contexto semântico, opção esta que, em alguma medida, deixou a questão *estilística* em segundo plano. [N.T.]